

EMPREENDEDORISMO: O CONTEXTO NACIONAL



OFICINA DA INOVAÇÃO, SA
BUSINESS INNOVATION CENTRE DO MINHO

Entrevista com
Eng.º Victor Sá Carneiro

Numa época de grandes transformações na economia dos países, em que a temática do Empreendedorismo assume uma grande relevância mediática, convidamos o Director geral da Oficina da Inovação, SA. - Bic-Minho¹ a falar um pouco sobre esta temática.

1. Quais são as motivações que levam os portugueses a criarem empresas? Os portugueses têm potencial empreendedor? Como caracteriza a dinâmica empreendedora em Portugal?

É conhecido que os níveis de empreendedorismo em Portugal são níveis bastante inferiores à média Europeia, estando Portugal neste momento, no conjunto dos países mais desenvolvidos, ou seja, da EU-15, no último lugar em termos de empreendedorismo. As lacunas do empreendedorismo de uma forma geral, têm várias origens, nomeadamente têm que ver com certeza, com a própria sociedade e como ela se posiciona relativamente ao risco e à ambição; têm que ver com os problemas educativos ao nível da família; têm que ver com problemas educativos ao nível dos primeiros anos de formação académica e que têm alguns períodos muito essenciais, ao nível dos 2º e 3º ciclos, do secundário e do ensino superior. O que significa que entre empreendedorismo e criação de empresas há já uma grande diferença. A criação de empresas será, porventura, o pico da linha da postura de alguém que realmente tem características empreendedoras. Aquilo que é reconhecido hoje é que há muitos empresários, ou seja, pessoas que criaram as suas empresas e que não são empreendedores. E há empreendedores que não criaram, nem nunca vão criar a sua empresa. Então, nós estamos a falar de um tema ao nível do desenvolvimento comportamental das pessoas e de um conjunto de características e de atitudes que ou se têm ou se têm de adquirir. E é essa, efectivamente, a grande diferença. Portanto, há muitas pessoas que criam empresas em Portugal, actualmente, e muitos deles poderão ser empreendedores e com certeza que o serão, mas existem muitos outros que criam empresas por motivos que não seriam os mais razoáveis, nomeadamente, porque a única coisa que fazem é adquirir uma quota de uma sociedade e copiar outros existentes ou por razões de sobrevivência quando alguém já não tem grandes hipóteses de colocação no mercado de trabalho.

¹ Presidente da Associação de BIC'S (*Business Innovation Centres*)

2. Que razão pode existir para justificar que Portugal esteja num nível tão baixo no que respeita ao empreendedorismo relativamente a outros países europeus?

Esta questão acaba por ir ao encontro do que já respondi anteriormente, sobretudo, o aspecto cultural, de não estar criada uma motivação nas pessoas de maior realização pessoal e profissional. Ou seja, um aspecto cultural que leva a que as pessoas não vejam como é razoável a assumpção de um conjunto de riscos, de um conjunto de desafios, de um conjunto de objectivos que querem obviamente ter para a sua vida e que ao trabalhar por conta de outrem dificilmente os vão atingir. Tem que ver com todas estas problemáticas que se complementam, portanto, daquilo que é a formação e a educação na família e no âmbito em que as pessoas se movem no seu dia-a-dia.

3. Quais as principais condicionantes do empreendedorismo em Portugal?

Penso que no fundo é a dificuldade de muitas instituições e organizações, com responsabilidade nesta matéria, tem em dar um contributo para a mudança que não pode ser única e exclusivamente uma mudança no sentido do empreendedorismo das pessoas, mas tem de ser das próprias organizações, da própria instituição. Portanto, dificilmente teremos efectivamente, jovens empreendedores enquanto não tivermos escolas e universidades empreendedoras, enquanto não tivermos professores (não serão todos, mas um número significativo) com características empreendedoras e que haja uma maior aproximação entre aquilo que é o mundo académico e o mercado. É importante que os jovens também se apercebam, atempadamente, de que a sua carreira profissional tem de estar muito mais dependente destas características do que simplesmente, do facto de terem um diploma.

4. Quais os riscos mais temidos pelos portugueses quando se fala na criação do seu próprio negócio?

Em Portugal existe, realmente, um trauma do insucesso e isso corresponde também à responsabilidade de Instituições, como a Banca e o próprio Estado, têm no sentido de mudar este tipo de percepções. Isto tem que ver claramente com uma falência, com o nome que fica menos bem conotado no mercado, com problemas económicos e financeiros que podem advir de certas responsabilidades. Penso que aqui é importante ter um equilíbrio. Os projectos de criação de empresas têm de ser projectos bem apoiados, os investimentos têm de ser bem analisados e o projecto tem de ser claramente, à partida, viável do ponto de vista económico e da existência de mercado. E depois, com certeza também haver uma certa abertura de quem tem a capacidade para investir, seja a própria Banca ou o capital de risco, de compreender que naturalmente, há momentos em que os projectos podem não ter sucesso e que isto não tem nada que ver com a evolução do próprio negócio no mercado. Penso que o critério de apoios financeiros e este rótulo mais negativista deve continuar a ser muito forte para quem não tiver uma atitude séria no negócio, mas diferenciar e compreender claramente aquilo que é o insucesso e que este só acontece verdadeiramente a quem arrisca.

5. Como avalia a educação em empreendedorismo nos sistemas de ensino portugueses?

A minha impressão é que actualmente ainda há muito a fazer ao nível das escolas e ao nível do ensino superior, pois foram feitas muitas iniciativas desgarradas, com a melhor das vontades e das intenções, mas sem resultados aceitáveis, pelo que já vai sendo tempo de percebermos que se trabalharmos isoladamente uns dos outros, nestas matérias, os resultados são aqueles que nós conhecemos e que há pouco identificamos como a cauda da Europa. Portanto, ao sermos suficientemente inteligentes e responsáveis temos que compreender que provavelmente, temos todos que partilhar projectos mais estruturantes, mais sustentados e que, obviamente, tudo aquilo que for feito seja devidamente avaliado. Um bom exemplo de projecto que actualmente está a ser implementado em Portugal, do qual os BIC's (*Business Innovation Centres*) são parte activa. Nesse projecto em realização em várias escolas, os dirigentes, professores, alunos e restantes actores estão numa boa percentagem envolvidos. O que significa que hoje já existe um projecto escolar em que se trabalha no terreno, se ajuda todas as pessoas envolvidas e se faz uma avaliação permanente do que está a acontecer no sentido de que os resultados sejam elucidativos e nos ajudem a aprender com os erros ou com os desvios. Pode-se hoje já afirmar que os resultados são muito surpreendentes pela positiva. Ouvimos hoje as escolas dizer que o ambiente mudou muito ou está a mudar. E quando se verifica que isto é motivo de satisfação dos dirigentes das Escolas, dos seus professores e dos seus alunos, penso que isto é, obviamente, um motivo de satisfação não só para o Ministério da Educação ou para os BIC's ou para a CONFAP (Confederação Nacional das Associações de Pais), mas sobretudo, para todos nós. Agora o que temos é que com certeza, utilizar estas experiências e aplicá-las noutras escolas, chamando para este processo todos quantos tenham experiência prática neste tipo de intervenção, pois somos poucos para tamanho desafio.

6. Os jovens licenciados portugueses têm potencial empreendedor?

Acho que os jovens e os não jovens portugueses têm potencial empreendedor. Agora, como tudo na vida, é uma massa que tem de ser trabalhada no momento e da forma certa. É evidente que temos de compreender que no futuro existirá sempre uma lacuna entre todos aqueles que tiverem a sorte de ter nas suas escolas, ao nível do 2º e 3º ciclos, este tema já trabalhado de uma forma profissional e todos os outros que não a tiverem. Portanto, temos de continuar a trabalhar conjuntamente o mais coordenado possível, no sentido de podermos também ajudar todos aqueles que têm menos características ao nível do empreendedorismo, para que possam também ser ajudados. Acho que o potencial de muitas pessoas está lá, mas nós não soubemos aproveitar esse potencial. Aliás, nós verificamos que quando qualquer um de nós tem uma situação de emergência, de aflição ou está perante uma catástrofe, o nosso potencial empreendedor cresce exponencialmente.

7. Que atitude pode tomar o Estado português de modo a estimular o empreendedorismo no país?

Penso que o Estado português tem de fazer de uma forma continuada e persistente, durante muitos anos, aquilo que o Ministério da Educação está a fazer. Penso que ao nível do ensino superior era importante seguir uma linha de orientação também claramente integrada e não, como já disse anteriormente, através de iniciativas desgarradas. É preciso criar condições às escolas e às universidades no sentido de que

juntamente com especialistas nesta matéria vindos do exterior destas organizações, possam iniciar um percurso adequado. Este somatório de competências internas e externas é muito positivo. Temos noção de como se aborda o empreendedorismo, ou porque vamos fazer uma incubadora, ou porque temos capital de risco, ou porque temos uma pós-graduação ou uma disciplina de empreendedorismo, isso não significa que estamos perante as melhores soluções para a problemática em questão. No fundo, estamos sempre perante o problema das mudanças comportamentais com vista a apoiar as pessoas a desenvolverem as suas potencialidades, o que é uma coisa diferente.

8. Quais são os agentes que promovem uma cultura empreendedora em Portugal?

Podemos dizer que há, hoje, vários agentes e actores que têm preocupações nesta matéria. O problema é se actuam ao nível do diagnóstico, se ficam pelas metodologias de aplicação ou se passam mesmo à prática com a implementação dessas metodologias. Aqui é que está a grande diferença.

No entanto, nós temos em Portugal uma rede de BIC's que acho que, obviamente, são entidades acreditadas, como o logótipo da Comissão Europeia, e especializadas nestas matérias. Portanto, não faz sentido que a Comissão Europeia apostasse na maior rede de empreendedorismo e inovação da União Europeia, apoiando-a e estimulando-a o mais possível, se não compreendesse que há um conjunto de contrapartidas que já deram excelentes resultados noutros países. Em Portugal vem desempenhando, neste momento, um papel muito mais importante do que no passado. Temos também outros importantes intervenientes, como por exemplo, o Fórum para o Empreendedorismo, a iniciativa EIS [Empresários pela Inclusão Social], entre outros. Mas tudo isto só faz sentido se estiverem a trabalhar articuladamente. Julgo que nenhum actor isoladamente tem capacidade para, no curto prazo, actuar isoladamente no terreno. Obviamente que ao nível das escolas e das universidades, há com certeza, pessoas que têm características, condições e conhecimentos para poder fazer isto, só que é preciso actuar muito ao nível da formação, pois é importante que entendam que, nas suas disciplinas e de uma forma transversal, a temática do empreendedorismo deverá estar sempre presente. Também entendo que não será obrigatório ou fundamental que todas as escolas tenham na base do seu funcionamento o apoio de entidades acreditadas no empreendedorismo. Mas penso que no futuro deverá existir um conjunto de escolas e instituições que poderão ter uma acreditação específica nesta matéria.

9. De uma forma geral, quais são as actividades desenvolvidas pela Oficina da Inovação?

A oficina da inovação BIC - Minho, como um BIC (*Business Innovation Centre*), a única coisa que faz é preocupar-se permanentemente com o empreendedorismo e a inovação. Desde a sensibilização ao contributo para a mudança das características das pessoas, desde o apoio às empresas, às instituições ou organizações já existentes. Depois somos uma entidade especializada no apoio à criação de empresas. Penso que é publicamente conhecido, em termos europeus, que a taxa de insucesso no apoio a projectos empresariais situa-se nos 9%, contra os mais de 50% que são conhecidos sem o apoio dos BIC's. O nosso apoio na modernização das empresas existentes passa por implementar factores de competitividade, por apoiar a internacionalização, por aconselhar utilização das melhores práticas que estão a ser seguidas internacionalmente, em termos de gestão empresarial e também em tudo o que estiver

relacionado com as diferentes áreas da gestão empresarial. Portanto, um BIC deve ser, acima de tudo, um *software* (competências, capacidades e conhecimentos), mais especificamente, coisas práticas relacionadas com a actividade empresarial.

10. Quais são as actividades que a Oficina da Inovação desenvolve ao nível do Empreendedorismo?

Ao longo de um ano promovemos um conjunto de iniciativas em que percorremos, praticamente, todas aquelas entidades, instituições, escolas e universidades onde existem públicos que nos parece que devem ouvir com mais insistência e compreenderem melhor o que é isto do empreendedorismo e da inovação. Isto porque cada vez mais o empreendedorismo e a inovação começam a andar mais em paralelo. Organizamos um conjunto de actividades temáticas bastante importantes, ao nível das novas tecnologias e de outras actividades emergentes, como sejam as áreas das TIC's, da Biotecnologia e da Saúde. Preocupamo-nos também com actividades que interessam às empresas familiares, como sejam o financiamento, a competitividade, a problemática da sucessão, etc.

Todos os anos fazemos uma série de iniciativas, no sentido de sensibilizar, explicar, estimular as pessoas para que compreendam os apoios que têm à sua disposição. Realizamos também concursos de ideias para estimular o aparecimento de novas ideias, mas também para testarmos o nível de sensibilização existente na região sobre esta temática.

Temos um papel muito importante ao nível dos contactos internacionais, visto que integramos muitos projectos internacionais nas áreas da energia, da inovação e do ambiente. Procuramos posicionarmo-nos como entidade muito credível e colaborante em toda a Euro-região. Colaboramos ao nível da internacionalização, sem prejuízo do apoio que estamos sempre abertos a dar aos empreendedores que querem criar a sua empresa ou daqueles que efectivamente, já criaram, independentemente, de terem ou não estado incubados nas nossas instalações.

11. Que tipo de apoios poderá dar a Oficina da Inovação a quem pretende criar a sua própria Empresa?

A oficina da inovação BIC- dá assistência e apoio técnico o mais profissionalizado possível, procurando, numa primeira fase, perceber se as ideias que estão na cabeça dos empreendedores têm condições de serem ideias rentáveis que possam alicerçar o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Feito isto, procuramos, efectivamente, desenvolver um plano de negócio provavelmente aonde se procura ver mais a vertente do mercado. E, com certeza, nesse plano de negócios importa também as análises da concorrência, o aspecto económico e o do financiamento, cuja importância é crucial para a viabilidade do negócio. Assim, procuramos demarcar-nos de outras entidades, na medida que temos maior preocupação com as estratégias e acções dos empreendedores nomeadamente, após a criação da sua própria empresa. Preocupamo-nos objectivamente, em ajudar os empreendedores depois da criação da empresa, ao nível da sua actividade comercial, na constituição de uma carteira de clientes, na criação de uma rede de contactos internacionais, etc. Isto ao nível da criação das empresas, ao nível da modernização empresarial disponibilizamo-nos para fazer um diagnóstico à organização através do qual verificamos a situação actual, ou seja, quais são os seus pontos mais fortes e fracos e procuramos, a partir daí, definir um plano

estratégico, estando disponíveis para apoiar os responsáveis da empresas na implementação destas estratégias.

12. Em que consiste a incubação? Pode fazer-nos uma breve descrição do processo?

Na incubação, ao contrário daquilo que muitas vezes se valoriza, o espaço é o que tem menos importância. O que é fundamental numa incubação é a possibilidade de utilizar, no espaço, os equipamentos, os apoios administrativos prestados por uma equipa técnica multidisciplinar e que, em determinados momentos, e de uma forma perfeitamente informal, consegue ajudar os incubados a resolver os seus problemas. Penso que este é o aspecto fundamental, portanto, tudo aquilo que referi no sentido de permanentemente auxiliar no estabelecimento de contactos, de negócios, de parcerias, de difundir a notoriedade da sua organização e do seu projecto, etc. são aspectos fundamentais para o sucesso dos projectos e para que estes sejam mais rápidos no seu desenvolvimento. As vantagens da incubação estão fortemente ligadas à mais-valia técnica do que propriamente ao espaço.

13. Para finalizar, gostaria que nos relatasse alguns casos de sucesso?

Desde o início da nossa actividade (há cerca de 6 anos e meio), apoiamos a criação de mais de 100 empresas, na sua fundação e mais de 70 empresas ao nível da sua modernização.

Para mim é bastante claro que as empresas de sucesso são aquelas que hoje conseguem, de uma forma profissional, cumprir claramente, com as suas obrigações e responsabilidades, atingindo os seus objectivos. Todas aquelas empresas que hoje continuam no mercado a produzir ou a prestar serviços e que têm uma rentabilidade que lhes permite sobreviver neste mundo competitivo são, claramente, todas casos de sucesso.

Entrevista realizada por:

Rita Moreira

Equipa técnica do projecto MeIntegra

06-06-2007